

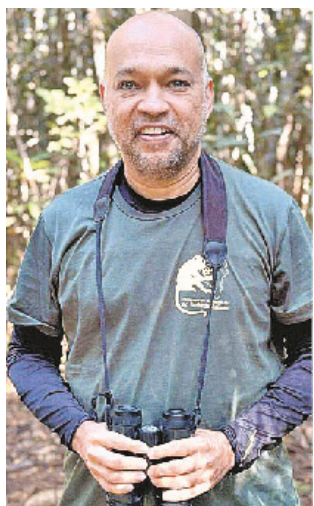
política

Repórter Brasília
Edgar Lisboa

edgarlisboa@jornaldocomercio.com.br

Prêmio para
cientista gaúcho

O Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI) divulgou que o pesquisador gaúcho Felipe Ennes Silva (foto) foi contemplado com o prêmio Early Career Achievement, concedido pela Sociedade Americana de Primatologia em reconhecimento ao impacto de suas pesquisas sobre os uacaris-calvos, primatas da Amazônia conhecidos pela face avermelhada. Formado em Ciências Biológicas e mestre em Zoologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (Pucrs), Silva estuda esses animais desde 2012. Atualmente, é professor na Universidade de Nova York (EUA) e pesquisador associado ao Instituto Mamirauá. Silva já havia feito História anteriormente ao se tornar o primeiro latino-americano a receber a Medalha Comemorativa Napier, outorgada pela Sociedade Britânica de Primatologia.



ACERVO PESSOAL/INNOVACAO/IC

Homenagem à Fundação Bradesco

O deputado federal gaúcho Pedro Westphalen (PP) e outros 28 parlamentares de outros estados solicitaram a realização de uma sessão solene em homenagem aos 70 anos da Fundação Bradesco em 25 de novembro. “Ao longo de sete décadas, a Fundação Bradesco consolidou-se como um dos maiores projetos de investimento social privado em educação da América Latina”, escrevem.

Gaúchos vão às urnas

Mais de 8,5 milhões de gaúchos estão aptos a votar nas próximas eleições, de acordo com dados divulgados pelo TSE. Somente os estados de São Paulo (34,1 milhões), Minas Gerais (16,37 milhões), Rio de Janeiro (12,85 milhões), Bahia (11,32 milhões) e Paraná (8,6 milhões) possuem mais eleitores cadastrados.

Perfil do eleitor gaúcho

O perfil demográfico do eleitorado do RS traz um desenho bem específico: a maioria é formada por homens, que representam 53% do total. Além disso, o Estado tem uma predominância de solteiros (58%). A faixa etária com a maior concentração de eleitores ativos está entre 40 e 44 anos, com mais de 811 mil pessoas aptas a comparecer às urnas.

Fundamental incompleto

Os dados sobre o grau de instrução mostram também os desafios da Educação no Estado. A maior fatia do eleitorado gaúcho é composta por pessoas que não terminaram o Ensino Fundamental: são 2,27 milhões de cidadãos (26,71%). O segundo maior grupo é o dos que completaram o Ensino Médio, representando 23,7% (2,02 milhões). Já os eleitores com diploma de Ensino Superior completo somam pouco mais de 950 mil pessoas (11,15%). O estado ainda registra 142 mil eleitores analfabetos (1,67%).

Branços e pardos

No recorte de raça e cor, quase três quartos do eleitorado gaúcho se declaram brancos (74,37%, ou cerca de 1 milhão na amostra declarada). Os pardos representam 17,1% e os pretos, 7,79%. A Justiça Eleitoral também contabiliza a presença de 7.310 indígenas e 1.982 eleitores de comunidades quilombolas. Em relação à identidade, 91,68% se afirmam cisgêneros e 0,33% (4.476 votantes) se identificam como transgêneros - outros 8% preferiram não prestar essa informação.

Eleição acessível

Garantir o direito ao voto com dignidade ainda exige atenção à infraestrutura física. No RS, 92.580 eleitores declararam algum tipo de deficiência. Entre as necessidades informadas, a deficiência de locomoção é a principal, afetando 26,5% desse grupo (mais de 26,7 mil pessoas).

IA nas eleições pode ser

Entrevista
EspecialBolívar Cavalier
bolivarc@jcrs.com.br

Inteligência artificial (IA) e eleições são temas que, quando unidos, preocupam especialistas da Ciência Política. Neste período eleitoral, os candidatos avançam no uso da tecnologia, que ainda não é regulamentada por lei no Brasil e tem como referência legal para o pleito deste ano uma resolução da Justiça Eleitoral sobre os seus limites. Na avaliação da cientista política Silvana Krause, o efeito da IA nas eleições de 2026 pode ser similar ao das redes sociais em 2018, que, apesar de já estarem presentes na vida de muitos brasileiros desde antes de 2010, mostraram sua força política no processo eleitoral.

Nesta entrevista ao **Jornal do Comércio**, Silvana fala de suas preocupações quanto ao impacto da tecnologia. “A legislação demora para amadurecer. A realidade é muito mais dinâmica do que o ‘prédio’ em que estão as regras do jogo”, argumenta a cientista política. Outra questão é que, na avaliação dela, a inteligência artificial cada vez mais para o voto emocional, em detrimento ao racional.

Silvana ainda aborda algumas das conclusões presentes no livro “Eleições municipais e o que antecipa para 2026”, que ela está lançando em coautoria com outros pesquisadores da área. A obra revela o impacto dos municípios na política brasileira, além de indicar que o pleito para prefeito e vereador serve como um termômetro para as eleições gerais dos dois anos seguintes.

Jornal do Comércio - A senhora está lançando um livro que relaciona as eleições de 2024 com as deste ano. A que conclusões chegaram as pesquisas?

Silvana Krause - É um livro que pega vários especialistas em ciência política, evidentemente, e ele faz um compêndio de vários temas que têm sido fundamentais para compreender o comportamento e a dinâmica eleitoral - do eleitor e dos partidos. Então, é um livro com vários co-autores. O que a gente tem observado é que os municípios são funda-

mentais no Brasil, que a política está muito fundamentada nos municípios. É ali que a carreira geralmente começa, é ali que estão as bases de uma boa parte dos deputados, seja ele estadual ou federal. Ou seja, o município é a alma da política brasileira. Então, esse livro, ele já é o volume cinco, e ele traz nesse sentido uma grande novidade, porque eu não conheço, nem meus colegas, uma continuidade de estudos em outros países sobre o poder local com este esforço, que é o quinto volume. Quando você olha a eleição anterior, ela é um sintoma para a eleição depois de dois anos.

JC - E em relação às eleições deste ano, como o pleito de 2024 reverbera?

Silvana - Observando outras eleições, a de 2018 foi uma eleição disruptiva. O que foi a eleição de 2016 nos municípios? Estou dando um pequeno exemplo. Foi o momento do ‘quero ser prefeito e não político’. Foi a campanha dos outsiders, dos antissistemas, a questão religiosa já apareceu em 2016, os candidatos aventureiros. Então, observando, as eleições municipais são um importante diagnóstico para as eleições dois anos depois, para ver como se movimenta. E aí, o prefeito que ganhou em Belo Horizonte em 2016 (Alexandre Khalil), dizia: ‘Não quero ser político, quero ser prefeito’. É um processo, e eleições municipais já são um alerta do que vem pela frente.

JC - E as eleições municipais podem ser usadas como um ‘teste’ das estratégias dos partidos para as gerais dois anos depois...

Silvana - É, e testam, mas é

o eleitor a mostrar para onde ele está indo.

JC - Há muita preocupação com o impacto da inteligência artificial neste período eleitoral. Como avalia o uso da tecnologia por candidatos?

Silvana - Esse é um grande problema. Assim como tivemos um grande problema na campanha de 2018, que era um fenômeno novo no caso das redes sociais. O (ex-presidente Jair) Bolsonaro (PL) dizia que ele foi o candidato que precisou de menos dinheiro para poder ser eleito, e obviamente porque tinha outras formas de fazer a campanha com um financiamento que não precisava aparecer, e não era ilegal. Então, a legislação demora para amadurecer. A realidade é muito mais dinâmica do que o ‘prédio’ em que estão as regras do jogo. É muito difícil. Eu diria que em 2018 tivemos o fenômeno das redes sociais, que foi uma loucura de fake news. Hoje, temos uma outra novidade que é a entrada da inteligência artificial, e que faz o eleitor de dois espectros mais consolidados acreditar no que quer. Emocionalmente. Ele vai olhar, ele vai ficar feliz, e quando ele vai ver: é isso mesmo. Ele não vai atrás, ele quer confirmar o que ele já acredita. É muito difícil para aquele que é consolidado bolsonarista, para aquele que é consolidado lulista, você dizer: o fato está aqui; não, isso não é fato. Esse é o problema. A gente não tem mais condições de discutir o que realmente é fato e realidade. Isso é um problema horrível para a democracia, fragiliza a democracia e ainda não se tem saída.

JC - Traça um paralelo entre o impacto das redes sociais

“Um clima de campanha em que nada é crível, legítimo, você tem um espaço muito maior para a IA convencer”

